

**COMUNICAÇÃO E CIBERATIVISMO NOS MOVIMENTOS VEG-
ABOLICIONISTAS**

Antonia Marcia Artico¹

Resumo

A pesquisa alinha-se à temática do “ciberativismo”. Trata-se do emprego das tecnologias digitais e interativas de comunicação para promover novas modalidades de ações coletivas em prol da ampliação da cidadania. O objetivo é conhecer como os movimentos sociais contemporâneos utilizam as mídias sociais digitais como estratégia de ação. Para efetivar a análise, estabelecemos como *corpus* o movimento veg-abolicionista, em especial a ação ‘Sopão Vegano’. Para investigar a questão, será efetuada uma análise de caráter bibliográfico exploratório qualitativo baseando-se nos estudos das obras de Boaventura de S. Santos (2007) acerca do social e do político na pós-modernidade, as reflexões de John D. H. Downing (2002) sobre a contra-hegemonia e de Manuel Castells (2013) a respeito do ciberativismo.

Palavras-chave: Movimentos Sociais. Contra-Hegemonia. Ciberativismo. Abolicionismo Animal. Veganismo.

O veganismo pode ser considerado um movimento social de resistência, uma vez que procura atuar contra a hegemonia dominante não apenas dos governantes, mas também da hegemonia dominante das grandes corporações em diversos segmentos como é o caso da indústria da pecuária de gado de corte e de leite, da indústria de aves, de suínos e afins, e outras tantas indústrias que exploram direta ou indiretamente a vida dos animais não humanos. O veganismo tem como foco central a abolição animal, seja de sua exploração enquanto seres vivos que existem para servir a sociedade com finalidades diversas, seja para se transformarem em alimentos que não o são. Por se tratar de um tema pouco conhecido pela maior parte das pessoas, faz-se necessário descrevê-lo.

A origem da palavra data do século passado, entre as décadas de 1930 e 1940. Donald Watson foi vegano por mais de sessenta anos e um dos principais fundadores da The Vegan

¹ Universidade Paulista – UNIP. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática.
ma-art3103@hotmail.com

Society – a primeira sociedade vegana da Inglaterra – criando assim, o termo para diferenciar vegetariano (onde consome-se ovos, mel, laticínios e outros produtos de origem animal) de vegano (onde não se consome nenhum produto de origem animal). Watson tornou-se vegetariano ainda na infância após presenciar o assassinato de um porco para então transformar-se em comida. Anos mais tarde, conheceria o veganismo e o adotaria até sua morte, aos noventa e cinco anos de idade.

É preciso pontuar que a proposta de ambos os ideários – vegetarianismo e veganismo - são bastante distintas. No vegetarianismo apenas não se alimenta da carne animal, enquanto que no veganismo, a proposta é a da abolição animal em todos os sentidos, ou seja, pela não alimentação com animais, pela não utilização de suas peles enquanto artefatos de vestuário, pela não utilização de suas capacidades físicas para desempenhar tarefas de trabalho, pela não utilização enquanto entretenimento, pela não utilização de seus corpos em testes para pesquisas científicas e para as indústrias de diversos segmentos, pela não utilização em rinhas e outros jogos e competições, pela não utilização em rituais religiosos e afins, pelo não confinamento com finalidade reprodutiva e venda de suas crias, pelo não maus tratos, pelo não bem-estarismo animal, pelo não tráfico de animais silvestres, pela não utilização de seus corpos em práticas esportivas e toda sorte de exploração a qual estes seres estão sujeitos . Em outras palavras, podemos traduzir veganismo como a luta pelo direito que os animais tem à sua própria vida. Em uma palestra sobre ética e direitos animais, a professora de filosofia Sônia Felipe argumenta que:

Para qualquer ser vivo, a maior violência que se pode cometer é tirar-lhe a liberdade de mover-se para prover-se seguindo o modo que melhor se adequa ao alcance do bem que lhe é próprio. Por isso, a defesa dos direitos animais passa inevitavelmente pela libertação deles de todas as formas de privação da liberdade à qual estão condenados no sistema que os torna objetos de propriedade humana. Não são os veganos quem proíbem outros de usarem animais como se fossem coisas descartáveis. Quem o faz é o princípio ético que todo humano admite como válido quando seu interesse em não ser sequestrado, usado, explorado e assassinado está em jogo. Por submeter-se ao princípio ético, o movimento vegano admite que tal princípio prescreve certas ações, e proscreeve outras.²

Vejam algumas definições para as palavras ‘vegan’ e ‘veganismo’:

1. Dicionário Priberam: veganismo

(*vegano + -ismo*) *s. m.*

² http://sociedadevegana.org/index.php?option=com_content&view=article&id=16:a-desanimalizacao-do-consumo-humano-desafios-da-etica-vegana&catid=10:geral

Ideologia que advoga o boicote aos produtos de origem animal e às atividades em que os animais possam ser usados ou explorados [O veganismo defende um regime alimentar vegetarianista]

2. Dicionário Houaiss: veganismo

Substantivo masculino (sXX)

Conjunto de princípios, pontos de vista e práticas dos végans

Etimologia - ing. *veganism* (déc. 1930) 'id.'

3. Dicionário Houaiss: végan

Substantivo de dois gêneros (sXX) - indivíduo que não usa produtos de origem animal na alimentação e evita empregar artefatos dessa mesma origem (p.ex., roupas ou bolsas de couro, acessórios de seda, lã etc.)

Adjetivo de dois gêneros - relativo aos végans ou ao veganismo; baseado em princípios végans f. geral mais cor. e menos us.: *végã*

Etimologia - ing. *vegan* (déc. 1930), de *veg(etable)* 'vegetal' + *-an* suf. equivalente ao port. *-ano*

Sinonímia e Variantes - veganista, vegano

4. Dicionário Michaelis Inglês – (em língua portuguesa não há definição): vegan

veg.an

n vegetariano rígido (que não come nenhum alimento de origem animal, como ovos, leite ou queijo).

Neste texto, especificamente, será tratado um ponto do ativismo vegano, uma vez que o veganismo atua em diferentes frentes e é descentralizado, não sendo pertinente desta forma explicar toda sua gama de atividades. Ou seja, não existe apenas um único movimento social que defenda o veganismo e em todas as suas esferas de abrangência. Neste sentido, o veganismo é uma filosofia de vida, um ideário que luta pelos direitos dos animais. Existem diversas modalidades de ativismo, tanto no âmbito cibernético como no âmbito tradicional das ruas.

Será abordado neste texto o ‘Sopão Vegano 2013’. Esse sopão foi uma ação pontual realizada na cidade de São Paulo no mês de julho - houve outra edição no mês de agosto - por um grupo de veganos e que contou com uma ação semelhante no ano anterior.

Antes de iniciarmos a análise do objeto de estudo, é preciso abordar o conceito de hegemonia. De acordo com John D. H. Downing (2002, p.46):

A estratégia de Gramsci para resistir ao poder da classe capitalista nas nações em que ele é mais avançado e, por fim, sobrepuja-lo e assim democratizar radicalmente essas nações, baseava-se em sua convicção sobre a necessidade de desafiar e destronar o domínio cultural e a liderança (= hegemonia) de suas classes dominantes com uma visão alternativa coerente e convincente a respeito de como a sociedade poderia organizar-se. Ele sustentava que no decorrer dos dois séculos, de sua expansão e consolidação, o capitalismo manteve e organizou sua liderança através de órgãos de informação e cultura, como escolas, universidades, igrejas, literatura, meios de comunicação e ideologias corporativas. As perspectivas sobre a sociedade mais ampla geradas no âmbito dessas instituições com frequência produziram, segundo ele, uma visão de mundo incontestável, que adquiriu o *status quo* de inevitável, e de que o poder da classe dominante assentava-se na sua habilidade singular, e por si só evidente, de dirigir a nação com sucesso (fossem quais fossem as críticas aos membros individuais dessa classe).

Na obra, Downing esclarece que Gramsci acreditava na possibilidade de uma organização social livre do poder das instituições dominantes, ou seja, uma nova organização social contra-hegemônica. Essa organização brotaria de diversos movimentos sociais e estes utilizar-se-iam muito mais de ações pacíficas que ações violentas. As batalhas se dariam amplamente no campo dos valores e do pensamento buscando reavivar um questionamento de cunho crítico acerca do processo hegemônico para, desta maneira, promover o fortalecimento a essa contra-hegemonia e torná-la capaz de atuar como agente de transformações sociais. Dito de outra maneira, a contra-hegemonia é dotada de certo poder de desenvolvimento principalmente quando é provocadora de indagações, de participação e de mobilizações sociais de fato. Vale também salientar que o termo ‘contra-hegemônico’ não foi criado por Gramsci, contudo, é implícito quando se trata de hegemonia. A contra-hegemonia seria justamente esse comportamento crítico por parte dos movimentos sociais.

No ano de 2012, um pequeno grupo de estudantes da USP – Universidade de São Paulo - se reuniu e conseguiu coletar alimentos na CEAGESP - Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo - para preparar o sopão que seria distribuído a moradores em situação de rua. O grupo conseguiu preparar aproximadamente duzentas refeições gastando muito pouco dinheiro, visto que os alimentos foram coletados, os utensílios de cozinha foram emprestados e os recipientes para oferecer o sopão foram confeccionados pelos próprios estudantes com material reciclável de garrafas pets. Na ocasião, outros grupos e ONGs – Organizações Não Governamentais - também participaram da distribuição de alimentos, contudo, as refeições foram feitas em separado por cada grupo, sendo que somente as do grupo de estudantes da USP eram veganas. O ato foi uma espécie de protesto contra as

declarações do então secretário municipal de segurança urbana, Edson Ortega, que havia declarado punir pessoas ou instituições que distribuíssem comida à população em situação de rua. O motivo para tal punição, segundo ele, seria o de que a distribuição dos alimentos faria com que estas pessoas não procurassem os abrigos oferecidos pela prefeitura e isso os levaria a uma dispersão cada vez maior pelas ruas da cidade.

Nesta ocasião, o grupo de estudantes teve a iniciativa de participar da distribuição de alimentos, fazendo o sopão vegano, ou seja, oferecendo comida sem nada de origem animal. E, nesta edição de 2012, houve a distribuição de folhetos elucidativos sobre veganismo para os transeuntes, além da disseminação das informações pertinentes ao tema com um megafone. À população em situação de rua, coube uma ou outra conversa explicando o motivo pelo qual não se utilizavam ingredientes de origem animal, visto que para estes últimos, pouco ou nada importa o ingrediente utilizado no preparo do sopão dada a urgência e necessidade de saciar sua fome.

A segunda edição foi neste ano, no dia vinte e seis de julho. No entanto, aconteceram mudanças. O grupo não se juntou a nenhum outro grupo ou ONG e a mobilização não ocorreu em resposta a qualquer medida que tenha sido tomada por parte da prefeitura ou outros órgãos governamentais. O mesmo grupo de estudantes da USP decidiu ampliar a distribuição do sopão, tomando a iniciativa de convocar pessoas veganas por intermédio do facebook e dar início a edição do ano de 2013.

A seguir, será feito o detalhamento desta ação para aclarar sua ligação com os movimentos sociais e seu caráter contra-hegemônico.

O título desta ação social foi ‘Sopão (vegan) de inverno para os moradores de rua’. Esse foi o nome dado ao evento na rede social facebook.

A data escolhida foi o dia vinte e seis de julho de 2013. No referido mês, tivemos muitos dias de frio intenso onde, inclusive, mortes de seres humanos foram registradas em diversas cidades incluindo São Paulo. A ideia de uma nova mobilização do grupo surgiu justamente por conta destes dias de frio extremamente rigorosos em nossa cidade.

A articulação para que o sopão fosse realizado iniciou-se primeiramente com os organizadores da ideia no ano anterior, ou seja, os mesmos estudantes da USP que também são ativistas em prol dos direitos dos animais. Esses estudantes também fazem parte de outro grupo, o VEGANUSP – Veganos e Vegetarianos da Universidade de São Paulo - que existe

no ciberespaço, neste caso, especificamente, na rede social facebook. Conta com ações diversas, não apenas no ciberespaço, contudo, não é apropriado neste texto tratar de outras ações no espaço público tradicional.

No facebook, criou-se o grupo com o objetivo de convocar veganos (e também não veganos) para fazer acontecer a ação. A criação do grupo foi feita alguns poucos dias antes da data prevista para a distribuição do sopão. Aproximadamente dois, três dias antes, até por conta da emergência da situação diante do frio intenso. O intuito era o de angariar doações, porém, não somente em dinheiro. Numerário seria a última alternativa. O principal era conseguir doações de agasalhos, cobertores, sapatos, colchões, utensílios descartáveis para servir o sopão, alimentos industrializados que seriam utilizados no preparo desde que não houvesse nada de origem animal, panelas e outros utensílios de cozinhas que igualmente seriam utilizados no preparo, voluntários que dispusessem de tempo para ajudar a cozinhar e a distribuir e também voluntários que dispusessem de carro para fazer o transporte não apenas das doações e do sopão, mas principalmente que pudessem fazer o transporte dos vegetais e leguminosas da CEAGESP até o CRUSP – Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo. Os alimentos na CEAGESP não foram comprados, eles foram coletados. O grupo organizou-se e rumou para a CEAGESP na véspera do dia em que seria servido o sopão. Foram diretamente aos comerciantes solicitando alimentos que por eles não seriam comercializados, explicando, obviamente o motivo de tal solicitação, e desta maneira, conseguiram angariar vários quilos de alimentos que transformaram-se em sopão para pessoas famintas nas ruas. Esta ação mobilizou cerca de quinhentas pessoas, direta e indiretamente.

A contra hegemonia se faz presente em atos dessa natureza, esclarecendo que não somente pode-se participar e promover ações humanitárias por meio de doações vultosas em diversas campanhas que são amparadas pela mídia tradicional, mas e, principalmente, em esferas menores e com estruturas muito diminutas e que estejam amparadas pela mídia alternativa.

Analisando tal ação, nota-se a importância da união de pessoas sem que estas tenham, especificamente, suporte de instituições constituídas de fato, como por exemplo, empresas privadas ou ainda o setor público propriamente dito. Dinâmicas como esta buscam de alguma maneira recriar uma autonomia social. Segundo SANTOS (2007, p.100):

Há também outro extremismo que é pensar, por um lado, que é necessário tomar o poder e, por outro, ideias como a de Holloway, por exemplo, que diz: “Não, não temos nada que ver com o poder, não se deve tomar o poder, mas ignorá-lo”. Continua sendo muito difícil encontrar um caminho intermediário, e somos vários os que estamos buscando outra via, na qual a questão não é tomar ou não o poder mas transformá-lo, sobretudo a partir de um princípio que é fundamental: em todas as lutas os conflitos são determinados pelas classes ou grupos dominantes. Quando lhes falo do uso contra-hegemônico de um instrumento hegemônico, parto dos termos do conflito, porque não está na agenda política uma transformação global. Ou seja, estamos em um momento, em um período de transição, que é tardio demais para ser pós-revolucionário e prematuro demais para ser pré-revolucionário.

O autor aponta para a ideia de se utilizar um caminho do meio, um conceito de que pode haver uma nova estrutura social e essa pode estar ou não amparada pelo poder tradicional. O ponto crucial, portanto, não é desafiar o poder e sim conseguir modificar as estruturas que o permeiam. Essa modificação pode ser iniciada com a inserção efetiva dos cidadãos que compõem a sociedade cujos quais estão excluídos das esferas deste poder. Incluí-los, sobretudo de forma crítica, pode ser um primeiro passo para se pensar essa organização social de maneira mais justa e para uma parcela cada vez maior de pessoas.

Em tempo: a quantia arrecadada, cerca de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) não foi totalmente utilizada, sendo poupada para utilização na próxima edição, no dia vinte e cinco de agosto de 2013.

A seguir, alguns pontos serão analisados para traçar uma correlação entre o objeto de estudo do texto e os movimentos sociais contra-hegemônicos.

A situação que originou essa ação social é justamente a falta de amparo à qual a população em situação de rua está sujeita na cidade de São Paulo. Existem alguns albergues para acolhê-los temporariamente, contudo, inúmeros são os fatores que levam à não procura destes abrigos por tais pessoas. Alguns aspectos que podem ser apontados são: falta de vagas, a proibição da permanência de animais (muitos destes moradores, tem cães e não admitem a separação entre ambos), suposta probabilidade de identificação deste morador que muitas vezes não quer que a família saiba de seu paradeiro, envolvimento com drogas lícitas e ilícitas, problemas de ordem psíquica e outras tantas características que não compete a este texto abarcar a análise.

Diante de tal fato e, somando-se à ele, o frio rigoroso da última quinzena do mês de julho deste ano, houve a sensibilização do grupo de estudantes da USP para dar início ao sopão.

É importante pontuar que não houve uma pessoa responsável por negociações em nome do grupo. A equipe de voluntários foi constituída inicialmente pelos estudantes do VEGANUSP e que tornaram-se moderadores do grupo do sopão no facebook, todavia, a ideia sempre foi a de promover uma horizontalidade de participação. Todos os participantes poderiam colaborar ativamente, inclusive, convidando outras pessoas (veganos ou não), participar com ideias novas, solicitando carona, oferecendo carona, organizando subgrupos dentro do próprio grupo de acordo com a região da residência para uma locomoção mais eficaz, entre tantas outras iniciativas possíveis. Todos deveriam agir em prol da realização do sopão. Existiam sim, diretrizes básicas, como por exemplo: o horário em que o sopão começaria a ser feito nos restaurantes do CRUSP, o dia, local e horário do encontro para os voluntários que fossem participar da coleta de vegetais na CEAGESP e o dia, horário e o ponto de encontro para iniciar a distribuição do sopão à população em situação de rua. Observa-se, portanto, que não houve hierarquização de comando, e sim, a proposta da participação efetiva de todos os que se interessassem.

É igualmente importante mencionar que o grupo não reivindicou nenhuma melhoria, ou seja, não houve nenhuma solicitação como é característico de movimentos sociais. Esse não era o objetivo. A ação foi pontual para atuar em uma situação de emergência, o que não a exclui de ser contra-hegemônica. Indiretamente, a ação mostrou a carência da atuação do poder público quanto à população em situação de rua. Mostrou, ainda, a importância da compaixão pelo próximo. Próximo este que, não é apenas o animal humano, mas também e primordialmente, os animais não humanos, visto que estes não precisaram morrer para servir de alimento. Apontou outro aspecto que é a união de forças entre os cidadãos, sejam veganos ou não veganos e esta união conseguiu alimentar uma porção de outras pessoas e isso tudo com pouco dinheiro e muita disposição em ajudar a quem mais necessita. Por último, e não menos importante, salientou que não é necessário estarmos atrelados ao poder público e que podemos e temos o dever moral de nos mover em direção à busca de uma sociedade mais justa para todos os seres humanos sem que haja obrigatoriamente a participação de instituições constituídas de fato. Este grupo contou com o apoio de pessoas físicas para que

tudo acontecesse, havendo uma ínfima doação por parte de uma única ONG. Apesar de ter sido uma ação pontual, de um único dia, somente por conta destes aspectos apontados, o sopão vegano não pode ter sua atuação desconsiderada enquanto ação contra-hegemônica.

No sopão vegano, mesmo não havendo grandes estratégias de luta por se tratar de uma ação isolada e não sendo portanto um movimento social de fato, pode-se dizer que a estratégia maior foi para a aglutinação dos voluntários neste ano. A rede social facebook foi utilizada para disseminar a ideia do sopão vegano e convocação de todas as pessoas interessadas em participar e isso se deu por meio de um evento criado nesta rede. Por intermédio da ferramenta ‘eventos’ no facebook, as pessoas foram chamadas a participar da maneira que pudessem ou acreditassem ser a melhor. O grupo trocou ideias, experiências e promoveu a inclusão de pessoas veganas e não veganas no evento e assim chegou-se à conclusão da ação. É uma estratégia de atuação bastante simples, onde o meio principal para que ela existe é a internet e o acesso a rede social facebook. Especificamente, essa estratégia consistiu em unir voluntários para atuar em prol do sopão e tendo como pano de fundo o veganismo. Diferentemente do que aconteceu na edição do ano anterior, onde somente estudantes do VEGANUSP se mobilizaram para realizar a ação sem contar com a utilização da rede social facebook.

Castells (2013, p.7) escreveu sobre os indivíduos que se unem e utilizam-se do espaço virtual para a promoção de movimentos sociais “[...] começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governo e empresas – que ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder.”

Neste sentido, utiliza-se tal espaço virtual para constituição de redes que atendam seus interesses na promoção de movimentos ou ações sociais, visto que conseguem livrar-se, ainda que, parcialmente, do controle da hegemonia dominante.

Neste espaço virtual, a comunicação acontece de maneira descentralizada, permitindo o envolvimento de todos os atores que se propõem a participar de tais redes. Cria-se, portanto, um hábito de participação horizontalizada e de responsabilidade de todos que compõem a rede.

No Sopão Vegano, houve a descentralização da comunicação e, ao mesmo tempo, de um ano para o outro, foi contabilizado um aumento considerável no número de participantes,

havendo também um importante acréscimo às ações neste sentido de atuação. A realização deste sopão funcionou como inspiração para que outros ocorressem em outras cidades como foi o caso em Araraquara, interior do estado de São Paulo.

Na cidade de Araraquara, o evento foi batizado de ‘Sopão Araraquara’ e dispõe inclusive de uma página na rede social facebook. O objetivo não é o mesmo do sopão vegano, visto que tem características distintas. Todo final de semana o grupo se reúne, faz a preparação dos alimentos e inicia a distribuição. O foco principal é firmar parcerias com varejões da cidade e também com pessoas físicas e jurídicas que tenham interesse em ajudar. De toda maneira, houve a inspiração por intermédio do sopão vegano.

A própria ação Sopão Vegano tomou novos rumos no mês de agosto deste ano transformando-se em um coletivo de ações sociais denominado R.U.A – Reutilizar, Unir, Alimentar – e que tem objetivos mais abrangentes e com caráter de certa continuidade mantendo a mesma linha de atuação que é fornecer alimentos à população em situação de rua.

Nas edições deste ano – julho e agosto, houve um ganho muito maior de visibilidade, pois diversas matérias foram veiculadas em sites, tais como: www.catracallivre.com.br, www.anda.jor.br, www.agenda.universia.com.br, www.camaleao.org, www.dignow.org, www.vista-se.com.br e tantos outros.

Essa visibilidade que veio por intermédio do ativismo na rede social facebook, vai fortalecendo a ação – e agora, coletivo - e contribuindo, principalmente, para divulgação do veganismo enquanto uma alternativa possível para diminuir a fome no mundo, visto que os alimentos de fontes vegetais conseguem suprir as necessidades de nutrientes do corpo humano. Desta maneira, grandes áreas utilizadas para pastagens e confinamento de animais, assim como as áreas que são destinadas para plantio de grãos que se transformam em ração para estes animais, converter-se-iam em áreas para plantio de alimentos vegetais. A água utilizada pela indústria da pecuária também seria poupada e teria a finalidade de irrigar lavouras e para o consumo humano. Há ainda que se mencionar os impactos ambientais envolvidos na indústria da pecuária e afins. Extensa é a lista de elementos pertinentes ao veganismo enquanto alternativa possível para diminuição da fome mundial em contraponto à indústria pecuária e seus pares, contudo, não é objetivo deste texto aprofundar essa discussão. O ponto principal deste texto é justamente traçar a correlação entre os movimentos sociais contra-hegemônicos, o veganismo e o ciberativismo.

Referências

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical – Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais**. São Paulo: Senac, 2002.

SANTOS, Boaventura S. **Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social**. São Paulo: Boitempo, 2007.